

## RAP, COMUNICAÇÃO POPULAR E INFORMAÇÃO: PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM UMA PERSPECTIVA CONTRA-HEGEMÔNICA<sup>1</sup>

Letícia Gomes de OLIVEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> GT 2 - Comunicação popular, alternativa e comunitária

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, leticiagomesdeoliveira03@gmail.com.

### RESUMO

Este resumo apresenta a proposta de pesquisa que será desenvolvida no mestrado no PPGCI/UFGM em 2026, voltada a investigar como a cena do rap brasileiro, especialmente em Belo Horizonte, mobiliza práticas informacionais que podem ser compreendidas como processos decoloniais de produção e circulação de saberes. Parte-se da premissa de que o rap constitui uma forma de comunicação popular capaz de revelar perspectivas periféricas historicamente apagadas. Nesse sentido, as letras e vivências do rap funcionam como modos de compreender a cidade e o cotidiano “desde o avesso”, como aponta Dietzsch (2006), oferecendo narrativas que desafiam representações hegemônicas e produzem leituras críticas do espaço urbano.

A pesquisa assume práticas informacionais como interações sociais vinculadas às experiências de vida e às relações coletivas, conforme discutido por Araújo (2013, *apud* Melo, 2021). Nessa perspectiva, sujeitos envolvidos na cena do rap (MCs, produtores, ouvintes e participantes das rodas culturais) constroem e compartilham saberes que emergem de suas próprias trajetórias, necessidades informacionais e estratégias de sobrevivência, de acordo com o paradigma social da Ciência da Informação enfatizado por Nunes & Carneiro (2018). Ao tratar essas práticas como processos sociais e culturais, busca-se compreender de que maneira a produção musical do rap se articula à construção de identidades, à reivindicação de direitos e à leitura crítica das desigualdades estruturais.

O pensamento decolonial oferece o arcabouço para compreender como esses saberes tensionam epistemologias já cristalizadas. Reis & Andrade (2018) destacam que a perspectiva decolonial desestabiliza modelos de conhecimento moldados pela colonialidade e valoriza epistemologias produzidas por grupos historicamente marginalizados. O rap, nesse sentido, opera como instrumento de resistência informacional, permitindo que sujeitos periféricos definam suas próprias narrativas e referências, rompendo com modelos centralizados de autoridade do saber.

A pesquisa também se apoia na noção de mediação e regimes informacionais de González de Gómez (2002), compreendendo que a circulação de saberes na cultura hip-hop é atravessada por questões sociais e processos de resignificação. As rodas culturais e batalhas de MCs são entendidas como ecossistemas informacionais dinâmicos, nos quais práticas de criação, troca e apropriação do conhecimento acontecem de maneira não institucionalizada, como apontam Souza & Blanco (2024). Esses ambientes não apenas socializam informações, mas produzem letramentos críticos, fortalecem identidades e ampliam a agência política.

Espera-se, com este estudo, evidenciar como o rap funciona como campo de produção de conhecimento enraizado na experiência periférica, articulando práticas informacionais que desafiam estruturas coloniais e hegemônicas. Ao reconhecer o rap como espaço legítimo de produção e circulação de saberes, a pesquisa contribui para ampliar o escopo da Ciência da Informação, valorizando epistemologias periféricas e práticas culturais frequentemente invisibilizadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIETZSCH, Mary Julia Martins. Leituras da cidade e educação. **Cadernos de pesquisa**, [s. l.], v. 36, n. 129, p. 727–759, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/fpG5JxLyY5KdkDkMnBS4tVD/#top>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MELO, D. A.; ROCHA, P. M. da S.; ALVES, E. C.; BRASILEIRO, F. S. As práticas informacionais e os estudos contemporâneos sobre competência em informação. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1–19, 2021. Disponível em:

<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1755>. Acesso em: 16 nov. 2025.

NUNES, Jefferson Veras; CARNEIRO, Bárbara Luisa Ferreira. Dos estudos de usuários à noção de práticas informacionais: contribuições da Teoria da Prática. **InCID: Revista de Ciência da**

**Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 9, n. 2, p. 150–168, 2018. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/incid/article/view/134406>. Acesso em: 20 nov. 2025.

REIS, M. DE N.; ANDRADE, M. F. F. DE. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 202, p. 01-11, 10 mar. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070/21945>. Acesso em: 15 dez. 2024.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27–40, jan./abr. 2002. Disponível em:

<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/975/1013>. Acesso em: 09 jan. 2025.

GONÇALVES DE SOUZA, Elisabete; DE SOUZA BLANCO, Letícia. Rodas culturais como espaços de mediação da cultura e da informação. **Revista Conhecimento em Ação**, [S. l.], v. 9, p. e65818, 2024. DOI: 10.47681/rca.v9i.65818. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/65818>. Acesso em: 21 dez. 2024.